

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LEITURAS DE UM GOLPE, GOLPES DE LEITURA:
A RECEPÇÃO DA DITADURA MILITAR EM CAMPINA GRANDE (1964)

LÁZARO ALVES DE FARIAS

CAMPINA GRANDE – PB

LÁZARO ALVES DE FARIAS

**LEITURAS DE UM GOLPE, GOLPES DE LEITURA:
A RECEPÇÃO DA DITADURA MILITAR EM CAMPINA GRANDE (1964)**

Monografia apresentada ao Curso de Historia da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em história.

ORIENTADOR: PROFESSOR IRANILSON BURITI

**CAMPINA GRANDE
2008**

LÁZARO ALVES DE FARIAS

**LEITURAS DE UM GOLPE, GOLPES DE LEITURA:
A RECEPÇÃO DA DITADURA MILITAR EM CAMPINA GRANDE (1964)**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Iranilson Buriti

Dr. José Otávio Aguiar

Msc. Rosemere Santana

Aprovada _____ de _____ 2008

CAMPINA GRANDE – PB
2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

Dedico,

Indiscutivelmente a minha mãe Isonete e ao meu pai José que a custo de muita luta patrocinaram minha vida até a entrada na universidade e continuam me oferecendo todo amor e atenção que preciso juntamente com a minha irmã Jamile.

A minha esposa Terezinha que esteve presente na tentativa de eu ser historiador desde o início, como amiga, namorada, noiva e esposa. A ela que apoiou-me em tudo que fiz ao longo dos últimos cinco anos.

Aos meus alunos da Escola Municipal Coronel Pedro de Farias na cidade de Taperoá onde pude aprender e ensinar ganhando a experiência do dia a dia.

AGREDECIMENTOS

A Deus, fonte de todo amor, por ter me dado a coragem de enfrentar o desafio de trabalhar, estudar, cuidar de uma família e viajar quilômetros todos os dias em busca do saber.

Aos grandes professores que tive durante todo o curso com quem aprendi o que hoje sei em história. A todos, meu reconhecimento, porém sinto alegria em mencionar Iranilson que se tornou um parceiro da minha vida acadêmica, mesmo quando não estávamos nas mesmas disciplinas acadêmicas, meu orientador não só da monografia, mas dos meus passos dentro dessa instituição.

Ao professor Celso conhecedor profundo da história da América.

Professor Roberval que ajudou a dinamizar a forma de se oferecer conteúdos dentro do curso de história.

Ao Professor Clarindo com quem tive a primeira aula dentro dessa universidade e fiquei com vontade de vir no outro dia.

Ao Professor Gervácio que sabe muito escreve bem e contribui na vida acadêmica de qualquer estudante que por ele passa.

A todos os mestres que tive na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “João Rogério dias de Toledo” na cidade de Assunção, grandes responsáveis pelo meu ingresso na universidade.

E por fim ao professor Fábio Gutemberg, cuja perca até hoje não entendo, com ele aprendi muito.

Resumo

Nesta produção, esboçamos, a partir de pesquisas em livros e arquivos de jornais, reflexões sobre como foi construído o Golpe Militar de 1964 e o modo como foi apresentado para a sociedade da cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, através do Jornal Diário da Borborema. Considerando o estudo da bibliografia específica do tema, procuramos num primeiro momento significados que explicassem o golpe de maneira geral. Em um segundo momento, consideramos as matérias jornalísticas do Jornal Diário da Borborema para sentirmos como ocorreram as repercussões desse evento na referida cidade.

Palavras-chave: GOLPE – SOCIEDADE – REFLEXÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

1 - REVISÃO DA LITERATURA

1.1. VELHOS TEXTOS, NOVAS LEITURAS

1.2. UM GOLPE, VÁRIAS QUESTÕES

1.3. A CONSTRUÇÃO DE UM GOLPE NO IMAGINÁRIO POPULAR

1.4. AS VISÕES QUE TENTAM EXPLICAR O GOLPE

CAPÍTULO II

A RECEPÇÃO DO GOLPE DE 64 EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DO JORNAL
DIÁRIO DA BORBOREMA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Apenas nas últimas duas décadas tem sido bem maior o número de estudos com objetivo de pesquisar sobre o golpe de 64 que instaurou a ditadura militar no Brasil. Tal evento tem ocorrido, certamente, pelo momento político e social vivido hoje, já que com o restabelecimento da democracia se tornou menos burocrático abordar esse tema. Somem-se a isso, as comemorações de 40 anos do Golpe, ocorridas em 2004, que despertaram as sensibilidades de historiadores, sociólogos e cientistas políticos para problematizarem, narrarem e lançarem novas leituras sobre o 31 de março de 1964. Mas não devemos achar que apenas isso justifica esse despertar para novos estudos, pois o surgimento de novas correntes e/ou interpretações historiográficas também representou grande contribuição na produção desses estudos – *a história vista de baixo*, *a História do tempo Presente*, *o retorno da história política* e *a difusão da história oral*, todas foram correntes de pensamento que influenciaram nas pesquisas sobre a Ditadura Militar no Brasil.

Na primeira corrente de interpretação (*a história vista de baixo*), Hobsbawm e Thompson mostram que é possível a construção de uma história política posicionada, possibilitando a escolha de um lado para defesa e ataque. Na segunda (*a História do tempo presente*) vê-se que é possível escrever sobre assuntos que, temporalmente falando, ainda estão muito próximos de nós. Quanto à corrente historiográfica que propõe o retorno à história política, percebemos com o historiador René Rémond que poderia haver uma história política baseada em partidos políticos, movimentos sociais, mídia, intelectuais, opinião pública etc. Quanto à história oral, é possível percebermos a grande valorização da memória e da experiência pessoal do indivíduo. Apesar de a história oral não se constituir em uma corrente de interpretação historiográfica, é uma metodologia de pesquisa através da qual podemos ir ao encontro de lembranças, memórias e reminiscências de um passado vivido.

Além do momento de abertura política que o Brasil vive desde a publicação da Constituição de 1988 com a garantia da liberdade de expressão, o aparecimento dessas

correntes foi também fundamental, pois “poderíamos, sim, fazer história sobre um período ainda tão próximo de nós”. Poderíamos, sim, fazer esta história sem ostentar uma neutralidade impossível... e poderíamos sim recuperar episódios esquecidos e sem registros através de depoimentos orais”.

Sem dúvidas, a junção do novo momento político e social ao lado do nascimento dessas novas formas de se pensar a história inspiraram e encorajaram os estudos sobre o golpe e a ditadura militar no Brasil.

Nessa perspectiva nasceu nossa pesquisa dividida em dois capítulos: No primeiro capítulo, VELHOS TEXTOS, NOVAS LEITURAS, lançamos uma tentativa de demonstrar, a partir das idéias de autores como Roger Chatier e Robert Darton, a emergência de uma nova visão acerca das leituras e das práticas de leitura e escritura. Ainda neste capítulo, apresentamos um sub-item intitulado UM GOLPE, VARIAS QUESTÕES, no qual estaremos dialogando com o golpe em si de uma maneira geral, apoiando nossas reflexões nos estudos de Neves, Osvaldo Coggiola, Daniel Aarão Reis e outros. Na segunda e última parte do nosso estudo, denominada de A RECEPÇÃO DO 31 DE MARÇO EM CAMPINA GRANDE, apresentamos as possibilidades de recepção do golpe militar de 64 na cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba. Certamente é o ponto mais instigante da nossa pesquisa, onde fomos a campo e realizamos um diálogo com as fontes que foram extraídas do jornal Diário da Borborema.

Pretendemos que o mesmo seja mais do que um trabalho de conclusão do curso de história da Universidade Federal de Campina Grande. Propomos um estudo sobre o Golpe Militar de 1964 no Brasil e o modo como o jornal Diário da Borborema apresenta tal evento para a sociedade paraibana da cidade de Campina Grande.

Nossa pesquisa foi realizada com base em teorias que constituíram fontes de nosso estudo, consultamos livros e arquivos jornalísticos da cidade de Campina Grande. Nos dois primeiros momentos do trabalho, realizamos leituras de livros e na terceira e última parte houve a necessidade de ir a campo. Nosso propósito inicial era o de consultar todos os jornais escritos da cidade de Campina Grande, evidentemente aqueles que existiram durante a aplicação do golpe de 1964 no Brasil.

Alegrou-nos a notícia de que cerca de três ou cinco jornais da época ainda funcionavam no atual momento, contudo a maioria não guardava mais os seus antigos arquivos, incluindo os de 1964. Apenas o Jornal da Paraíba e o Diário da Borborema abrigavam os arquivos do recorte temporal em estudo, contudo o Jornal da Paraíba não nos concedeu acesso em tempo hábil à agenda que tínhamos a cumprir, restando-nos

exclusivamente a realização do estudo pela ótica do Diário da Borborema. Portanto, iremos problematizar como o Diário da Borborema leu o Golpe de 1964 em Campina Grande.

CAPÍTULO I

1 - REVISÃO DA LITERATURA

1.1. VELHOS TEXTOS, NOVAS LEITURAS

O texto pode ser o mesmo, as interpretações são várias. O ato de ler é histórico, variando de acordo com o contexto político, social, econômico e religioso. Ler não significa apenas decodificar um texto, mas é uma forma de se relacionar com o mesmo. O processo de trabalho de leitura e interpretação da mesma, um tipo de prática recorrente desde muito tempo como discute conosco o historiador Robert Darton “é uma atividade que compartilhamos dos nossos ancestrais, embora ela jamais possa ser a mesma que eles experimentaram” (1992, p. 200). Ainda mantendo a discussão acerca das mudanças no contexto social que exigem de nós um caráter diferente para ler os textos do passado, observemos ainda em Darton outro exemplo claro, quando fala sobre a *La Nouvelle Héloïse* de Rousseau:

...*La Nouvelle Héloïse* tornou-se o livro mais vendido do século, a mais importante fonte isolada da sensibilidade romântica. Essa sensibilidade está agora extinta. Nenhum leitor moderno pode chorar dessa maneira, através dos seis volumes de *La Nouvelle Héloïse*, como o fizeram seus predecessores há dois séculos atrás. Mas, em sua época, Rousseau conquistou toda uma geração de leitores, revolucionando a própria leitura. (1992, p. 202)

Outro autor que aborda as práticas de leitura é Roger Chartier, para quem “... a aposta, de uma sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objectivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler” (1992, p.121). Chartier enfatiza, ainda, a proposta de construção das várias possibilidades de uma leitura que, sem dúvida, estará variando na sua problematização pelo curso do tempo, determinando outros meios de leitura e interpretação, dialogando com novos paradigmas.

Os argumentos que apresentamos deixam em evidência que o uso da leitura é peça fundamental para construção de projetos escritos. Todavia nossos autores parecem nos chamar atenção para um detalhe importante: a leitura passa ao longo do tempo pelo um processo de transformação, onde o texto permanece, porém o contexto muda e isso nos força a mantermos relações diferentes das que os leitores anteriores mantiveram com os escritos. Como diz Chartier (1997, p. 67): “é preciso lembrar que as formas que fazem com que os textos sejam lidos, ouvidos ou vistos participam também da construção da sua significação. O

mesmo texto, fixado pela letra, não é o ‘mesmo’, se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação.”

Não significa decretar a morte dos textos passados, mas ao contrário reconhecê-los como de fundamental importância; compreender que os escritos possuem uma história que serviu para um tempo, ocupou um dado lugar, num certo momento social. Recuperar essa história, transplantar o texto para o atual momento significa uma releitura, esforço necessário quando desejamos realizar o brilhante trabalho de ver o texto e a leitura oferecendo um lugar social diferente do ocupado no momento em que foi visto pela primeira vez. Como diz Robert Darton, “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado” (1992, p.218).

Esses argumentos apresentados no início do nosso estudo são para mostrar o processo emancipatório pelo qual o leitor chegou livre para tomar suas decisões a despeito daquilo que lê associado com seu pensamento e com os acontecimentos que o rodeia. Uma independência talvez nunca pensada pelos autores, pois como nos diz Chartier “o leitor é, sempre, pensado pelo autor (...) como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada.” (1992, p. 123).

Fugir dessa parada fixa, dessa mão única, dessa verdade imóvel, tem sido a grande missão dos historiadores de todo mundo, reinventar a história oferecendo um novo significado para os negros, os heróis, aos acontecimentos sociais e culturais, enfim construir uma leitura desautorizada de fatos, coisas, pessoas e situações.

Desse modo, aproveitamos ao máximo essa autonomia de leitor no olhar de pesquisa que lançamos em nosso estudo, o que será percebido no segundo e muito mais no terceiro capítulo desta monografia, nos quais abordamos a recepção do golpe militar de 64 em Campina Grande. Nessa missão, foi necessário atualizar a leitura das matérias do Jornal Diário da Borborema levando em consideração a distância geográfica e os medos de quem as produziram. Quarenta e quatro anos depois já é possível uma nova abordagem que envolva uma releitura desse evento, uma roupagem diferenciada gerada não pelo tempo em si, mas porque nesses quarenta e quatro anos o Brasil mudou, campanhas pelas Diretas foram deflagradas, uma nova Constituição Federal foi elaborada como um espaço para se pensar a liberdade de imprensa e expressão. Tudo isso exige que nos posicionemos de modo diferente, conversando com essas matérias não com o mesmo olhar de quem as leu em 1964. Além disso, a leitura sobre o Golpe de 64 mudou, porque os sujeitos mudaram. Outros tempos, outros leitores, outros sujeitos.

Usamos o espaço deste curto capítulo para contribuímos no processo de

desconstrução do caráter poderoso que os textos muitas vezes apresentam ou pretendem apresentar. Dificilmente escrevemos alguma coisa com intenção de ser questionada e parece que até há certa irritação dos autores quando percebem que seus leitores estão levando a interpretação dos seus textos pelo campo diferente do que foi pensado por ele “o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma” (Chartier, 1992, p. 121).

Dentro dessa perspectiva que estamos levantando de conceder nova visibilidade a uma leitura respeitando a liberdade de quem lê e considerando as transformações sociais passadas pela sociedade seria oportuno dar fechamento a esse capítulo reproduzindo a fala de Pierre Bourdieu mostrada por Chartier “Um livro muda pelo facto de não mudar enquanto o mundo muda” (1992, p. 131), ou seja, podemos entender que o livro permanece no tempo, mas num mundo que muda, o nosso olhar precisa ser flexível, transportando o sentido da leitura para o momento presente “o que significa encarar os actos da leitura como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras.” (Idem, p. 90).

Que o nosso leitor possa discutir essa partícula do nosso trabalho de duas formas: uma justificativa de como produzimos essa pesquisa, procurando autonomia e liberdade, até porque não haveria como realizá-la sem esse esforço interpretativo e depois considere como um convite, o de lê nossa produção com essa liberdade de crítica que certamente oferecerá novas cores ao nosso estudo.

1.2. UM GOLPE, VÁRIAS QUESTÕES

Estados Unidos versus URSS, ou “comunismo versus mundo livre” – forneceria justamente o álibe ideológico para os golpes militares, que afirmaram com unanimidade ser a democracia “incapaz de conter o comunismo”.

(Osvaldo Coggiola)

Estados Unidos e comunismo. Eis duas fundamentais questões para se começar uma compreensão sobre o golpe militar de 64 no Brasil. Antes, porém, se faz necessária uma breve explanação a respeito de questões mais preliminares que vão nos fazer entender que o golpe brasileiro não ocorre de maneira isolada, mas, ao contrário disso faz parte de um conjunto de golpes que estão acontecendo em significativa parte do continente americano. De acordo com Osvaldo Coggiola: “Entre meados da década de 1960 e meados da década de 1980, a América Latina, em especial a América do Sul, viveu um período histórico dominado por regimes militares” (2001, p. 9).

Exatamente nesse ponto ganham espaço nossas reflexões sobre a questão norte-americana dentro do processo de implantação dos golpes militares. Os Estados Unidos desde o final da primeira e segunda guerras mundiais tinham despontado como potência econômica no mundo, uma vez que a margem de lucro obtida nos conflitos demandou um novo lugar para o país no cenário mundial. A partir de então a potência econômica adotou uma política imperialista com vistas a expandir seu domínio pelo mundo e segundo Coggiola:

O projeto de penetração norte-americana na América Latina tinha exigido a deposição de vários governos civis para garantir a “calma” necessária ao andamento dos negócios e o combate à Revolução Cubana. Bolívia 1964 (Barrientos), Brasil 1964 (Castelo Branco) e Argentina 1966 (Onganía) eram elos de um processo comum, que por toda parte se auto-intitulava “revolução”. (2001, p. 19)

Reforçando a idéia intervencionista dos Estados Unidos no andamento dos golpes e retomando a questão do Brasil, observamos ainda na leitura de Elio Gaspari um trecho do dialogo entre o embaixador norte americano Lincon Gordon orientando o então presidente americano Knnedy a se posicionar a favor da intervenção militar no Brasil: “Creio que uma de nossas tarefas mais importante consiste em fortalecer a espinha militar” (2002, p. 60).

O presidente dos Estados Unidos estava temendo a instalação de um regime comunista no Brasil que poderia estourar no ano de 1963 e inviabilizaria os planos da Casa Branca por aqui, dizia Kennedy: “Do jeito que o Brasil vai, daqui a três meses o Exército pode vir a ser a única coisa que nos resta” (2002, p. 60). Assim o governo americano assumia papel importante na formação do golpe militar no Brasil, Coggiola apresenta que:

No dia 31 de março aprovou-se... um plano militar norte-americano que consistia no envio às costas brasileiras de um porta-aviões de ataque pesado (o Forrestal), destróieres de apoio, petroleiros bélicos, navios de munições e navios de mantimentos; aviões transportando armas e munições (110 toneladas), aviões de caça, aviões tanques e um posto de comando-transportado deveriam se deslocar para o Rio de Janeiro. (2001, p. 14)

Valendo lembrar que até mesmo sindicatos e entidades políticas que se rebelavam contra o governo do presidente Goulart recebiam benefícios constantes dos Estados Unidos. Contudo essas razões já conhecidas e debatidas hoje, foram camufladas na época em que se deram, noutro trecho da conversa entre o embaixador Gordon e o presidente Kennedy fica visível a preocupação com a preservação da imagem norte-americana: “É preciso deixar claro, porém com discrição, que não somos... Hostis a qualquer tipo de ação militar, contanto que fique claro o motivo”(2002, p. 60) faça-se o entendimento que publicamente os golpes não se

apoiavam ao bel prazer da política norte-americana, a alegação para todos os casos era de que as Américas precisavam combater o comunismo que representava um perigo a sociedade. Dependendo da situação pela qual o país marcado para o golpe passava, eram formuladas também outras razões para justificarem deposições de governos civis e posterior ação de golpe militar, quase todas as razões que se somavam ao comunismo eram de ordem econômica e social.

Quando pensamos o caso brasileiro, precisamos levar em conta que o país ocupava na América do Sul uma posição importante, além disso, a densidade demográfica garantia um excelente mercado consumidor. Em resumo, apesar de se tratar de uma avalanche de golpes que envolvia as Américas, nosso potencial econômica e demográfica determinava que o golpe militar decisivo na América do Sul, seria mesmo o do Brasil em 1964, dando-se por tarefa como nos elucida Coggiola:

Cumprir a missão de restaurar a ordem econômica e financeira e tomar urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência se havia filtrado não só na cúpula do governo, como nas suas dependências administrativas. (2001, p.13)

Vemos de forma nítida através da citação que além das interpretações ligadas ao comunismo desencadeiam-se outras, a crise econômica e social vivenciadas pelo Brasil. Nos momentos que antecederam o golpe de 1964, o populismo criado pelo presidente Getulio Vargas, passava por profunda crise, os sindicatos exigiam reformas de base, havia forte movimentação em favor da reforma agrária, eram levantadas críticas e pedidos de investigações a respeito dos ganhos das empresas multinacionais instaladas no país, a revolta não era menor no quadro dos sindicatos das ligas camponesas.

Essa combinação de matizes que já tinha provocado a renúncia do presidente Jânio Quadros no ano de 1961 deixava agora o novo chefe de Estado, João Goulart, em insustentável situação diante da população do Brasil que dessa forma passa inconscientemente a ser de certo modo parceira do golpe.

1.3 – A CONSTRUÇÃO DE UM GOLPE NO IMAGINÁRIO POPULAR

Muitos têm a noção de que o golpe militar no Brasil em 1964 foi um acontecimento que marcou negativamente a vida do povo da nossa República. O que muitas leituras até hoje não revelam é que significativa parte dessa sociedade serviu de apoio para que o golpe pudesse acontecer, na verdade, talvez sem a participação do povo ele nunca poderia ter

ocorrido.

Sistematicamente era necessário que os próceres do golpe conseguissem uma hegemonia em torno da sociedade civil, uma medida necessária a qualquer tentativa de assumir o poder sem o uso maciço da força pelo menos de imediato, ou seja, aderindo a utilização do convencimento dentro de uma sociedade carente e desejosa de que o Brasil abrisse um processo de transformação social profundo que transformasse a vida do povo. Um processo que talvez de longe pudesse ser comparado ao que ocorreu na Revolução Francesa quando a burguesia necessitou convencer a classe popular a participar espontaneamente da Revolução em seu favorecimento utilizando para tanto a esperança de transformar a realidade social francesa. Então para tentar conseguir esse tipo de unidade é fundamental passar a impressão de que realmente existe a construção de um conjunto de novas idéias, isso tem um peso decisivo na organização da vida social se tornando força material ao ponto de ganhar a consciência das massas passando a refletir sobre as combinações do golpe militar no Brasil em 1964 de forma positiva.

Vejamos, era necessário conseguir a aceitação e acima de tudo a participação das pessoas no ideal do golpe, isso o associaria a idéia de democracia. Para conseguir isso era preciso produzir no imaginário da população uma leitura favorável a compreensão do golpe, ou seja, convencer as pessoas de alguma forma de que o golpe era o melhor para o país.

O momento mais fecundo para essa tentativa foi o período do governo de João Goulart, dadas as suas invariáveis políticas, já que não definia bem a quem apoiar, comunistas ou os interesses da direita, somava-se ainda o momento de crise que o país estava mergulhado. Jango, como ficou conhecido na política, foi um alvo fácil para a formação de uma visão completamente as aversas do que realmente seria o 31 de março nessa visão gerada pelos próprios interessados no golpe o presidente Goulart era indicado como um parceiro do comunismo que por sua vez desde muito antes era apontado no Brasil como inimigo dos cristãos num país cuja colonização se deu com base na cristandade. Além disso, era acusado de não está gerenciando bem o Estado.

Estava assim preparado o campo ideológico que iria prevalecer na mentalidade da maioria dos brasileiros, apoiarem o golpe e conseqüentemente os militares em detrimento da democracia. De outra forma podemos dizer que a Casa Branca e os Militares brasileiros encurralaram o presidente Jango através de um jogo utilizado em outros momentos históricos. Efetivaram a construção de um inimigo comum para se obter a unidade da coletividade, o mesmo que ocorreu em 1492 na Espanha que mesmo completamente dividida une seus dois principais reinos, Castela e Aragão e a partir toda a Espanha numa tentativa bem sucedida de

expulsar os mouros (inimigo comum) do seu território.

Aqui no Brasil o inimigo comum a todos já estava definido: o comunismo, como nos menciona o autor Adriano Codato: “o anticomunismo... transformou-se em argumento político para legitimar uma intervenção militar redentora”, e aquele que o apoiava comprometia o desenvolvimento do país, neste caso tal papel era atribuído ao presidente João Goulart, Assim através de comícios, passeatas e outras manifestações “as forças armadas não estavam sozinhas” (Coggiola 2001, p. 15). O próprio povo manifestava-se contra o governo e ao mesmo tempo a favor de uma intervenção militar redentora, que salvasse a democracia e a liberdade individual de cada um.

Percebam que, analisado dessa maneira, o golpe militar de 64 no Brasil pode ser visto como algo planejado, construído a partir de etapas e ainda, que o povo é sim um ingrediente fundamental para sua realização. Certamente o golpe teve uma imagem diferente do regime que ele abriu escurecendo as cores da democracia, o golpe era diferente, apresentava um ideal de salvar a nação de três problemas, a crise econômica, a possibilidade de um governo comunista e ante cristão em terra tão católica e um presidente sem capacidade alguma de resolver tais situações.

Há de se reconhecer que as táticas montadas pelos próceres do Regime foram astutas, inteligentes e deram certo, mesmo assim pelo menos alguns elementos precisam ser questionados, o golpe militar brasileiro não está se manifestando de forma isolada, vindo a ser apenas um prolongamento de tudo que já vem ocorrendo por toda a América Latina então será que as camadas populares do Brasil tinham acesso a essas informações? E se tinham não seria esse um bom motivo para desconfiar do que estava acontecendo aqui? Outra reflexão é com relação a nossa própria experiência histórica com os militares em um passado que nesse momento em 1964 não está tão distante, referimo-nos ao processo de formação da República brasileira. O primeiro golpe que os militares aplicaram no país onde a população pobre apenas ficou na desvantagem de um genérico modelo republicano que jamais foi uma “coisa” de todos.

É estranho, então, a média classe e a classe popular do Brasil não atentaram para isso no momento em que o golpe estava em construção, mesmo havendo um receio de que se algo não fosse feito o comunismo anti-cristão iria se firmar enquanto governo o que talvez não fosse interessante para o Brasil, será que a única alternativa era legitimar o poder para os militares, por acaso o passado deles lhes oferecia crédito para administrar o país. São questionamentos que fazemos para que o nosso leitor questione ainda mais sobre a participação do povo no golpe brasileiro e as possibilidades de não o ter apoiado.

Dentro dessa perspectiva, um movimento importante liderado por religiosos da igreja católica vai assumir papel fundamental, as marchas da família com Deus pela liberdade foram atos públicos que condenavam as práticas comunistas e se destinavam a apoiar o golpe. Uma prova de que a igreja ofereceu sua mão e o seu apoio aos interesses do golpe.

Dessa forma, ao contrário do que às vezes pensamos, o golpe de 1964 não foi um movimento forte e vencedor apenas pela presença bruta dos militares, mas sim pela participação e movimentação do povo capaz de transformar qualquer situação que desejasse. A comunidade brasileira é neste ponto um gigante adormecido despertado de tempos em tempos para colocar em prática um novo plano da elite, depois voltam a dormirem mais uma vez.

Uma das indagações que podemos fazer sobre o golpe de 64 é: será que ele foi fruto da “ingenuidade” de um povo brasileiro, sem acesso a escola e vida digna, e acima de tudo um povo cristão que apoiou, incentivou e participou dessa ação?

1.4 - AS VISÕES QUE TENTAM EXPLICAR O GOLPE

As análises estruturais, que predominam na década de 1970, vinculam-se a dimensão de tempo longo e, portanto relacionam... a deposição de João Goulart por golpe civil e militar, a problemas quase que atávicos da realidade nacional, com ênfase para o subdesenvolvimento e para o atraso na industrialização do Brasil.

(Neves, 2004:17)

Por esse caminho apresentado por Neves na citação acima, autores como o ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, entre outros historiadores e sociólogos, sustentam a versão de que os motivos apresentados para se decretar o fim do período Goulart no Brasil e consequentemente do período democrático estariam relacionados a motivos de ordem industrial econômico, ou seja, o aprofundamento de uma crise causada pelo atraso industrial ligado a forte dependência ao exterior e com indústrias concentradas apenas na região do A, B, C paulista o que inviabilizava a propagação do progresso industrial para outras áreas.

Falava-se, então, da fragilidade de um governo completamente inábil para sanar tal crise que engendrava um país subdesenvolvido e não em desenvolvimento, Goulart não mereceria ou não era preparado para o cargo que ocupava. “Trata-se da ênfase em explicações estruturais para o processo econômico, social e político que teve como seu maior desdobramento a tomada de poder institucional por seguimentos das forças armadas e por setores organizados das sociedades civil e política em 1964”. (Neves, 2004:18)

Mas de acordo com o tempo e a forma de pensamento de cada autor, outras explicações também foram apresentadas, há *“uma corrente ainda que identifica a intervenção civil e militar de 1964 como sendo de caráter preventivo”*. Nesta forma de justificar o motivo do golpe, o entendimento é de que a população teria sido convencida da necessidade de proteger o país contra o espectro do comunismo anticristão em terras tão cristianizadas como as do Brasil, ou do modelo socialista que poderia desordenar a nação. Desta forma aos militares cabia uma função sagrada, a de salvar o país o protegendo de todo esse mal. “Alguns autores...desenvolveram interpretação segundo a qual a ruptura da ordem política foi decorrente de uma ação conspiratória.” (Neves, 2004:22)

A junção de todo esse sistema considerado uma ruptura de ordem engendrava uma conspiração de vários setores contra Goulart, as forças armadas anticomunistas, os latifundiários anti-socialistas, mas também a igreja aturdida com a possibilidade de ter quebrados determinados códigos, entre outros setores.

Nesse ultimo caso, as influencias internacionais influenciaram a conspiração fazendo com que a força popular pressionasse a classe dominante e, ainda, uma conspiração em Minas Gerais uniu forças ao movimento nacional.

De um modo geral talvez possamos chegar ao entendimento que de todas essas visões nenhuma seja a verdadeira sobre os motivos do golpe, mas é certo de que todas elas são contribuições oportunas para que cheguemos a interpretar concretamente o que foi esse golpe tão covarde, injusto e ao mesmo tempo tão perspicaz e sistemático, uma ação eficiente para o que se propôs.

Somente quando o golpe e os seus próceres mostraram sua verdadeira face é que o povo se deu conta do que tinha feito, tentou voltar atrás, mas não havia mais tempo, como nos coloca o escritor Flávio Aguiar “estava privado de sua maior grandeza, a soberania”, a ausência de um entendimento sobre o que realmente seria a intervenção militar custou caro a sociedade brasileira, pessoas desaparecidas, mortes, torturas, censuras e medo, muito medo. Mas nos acrescentaria ainda Flavio “a canalha de 64 venceu, mas não triunfou”, a democracia foi restabelecida, mais uma vez com a ajuda do povo a realidade brasileira é alterada, se construiu uma contra-hegemonia, os golpistas passaram a ser os inimigos comuns do povo e estavam aí instalados os motivos para uma nova luta. Mas não iremos fazer conclusões ainda, pois convidamos o leitor a fazer outras leituras do 31 de março de 64, dessa vez na cidade de Campina Grande. Este será o tema do nosso segundo capítulo.

CAPÍTULO II

A RECEPÇÃO DO GOLPE DE 64 EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA

O governo identifica-se com a vocação histórica do povo paraibano que deseja nesse episódio o cumprimento efetivo das liberdades públicas consubstanciadas na defesa intransigente do regime democrático.

(Diário da Borborema 01 de abril 1964)

Tratar sobre o Golpe Militar de 1964 por si só tem sido uma tarefa desafiadora, uma fonte de estudos às vezes melindrosa. Talvez essa dificuldade se configure pelo horror particular que essa página da história brasileira nos traz, horror que repercutiu tanto no tempo presente materializado nas torturas, proibições e assassinatos, quanto no atual momento, pois ainda inibe a ação de historiadores que, muitas vezes, se desinteressam pelo estudo do tema.

Se o tema central provoca todas essas dificuldades de pesquisa, então imagine analisar o golpe de 64 pelos mais variados lugares do Brasil, isso mesmo, sentir como o golpe foi recebido ou recepcionado nas diversas sociedades e com os mais variados povos. A que conclusão chegaríamos? Parece um trabalho empolgante. É o que almejamos nesse capítulo, o lugar escolhido: Campina Grande, Estado da Paraíba, segunda cidade mais populosa do estado, a 120 km da capital do João Pessoa, considerada um dos principais pólos industriais e tecnológicos da Região Nordeste do Brasil, fundada em 1º de dezembro de 1697, tendo sido elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864. Portanto, no ano do golpe, 1964, Campina completava 100 anos de independência política.

Portanto, em 1964, Campina Grande era uma cidade já desenvolvida e dispunha de autonomia política e econômica, apresentava um considerável quadro nas suas estruturas do poder com nomes ligados ao cenário político nacional: Argemiro de Figueiredo, Elípio de Almeida, Aluizio Campos, Severino Cabral, Vital do Rego, Raymundo Asfora, Newton Rique, Enivaldo Ribeiro e os irmãos Ronaldo e Ivandro Cunha Lima.

Consideramos então meritório um estudo de análise da recepção do 31 de março de 1964 num centro nordestino de importância político-econômico como Campina, manifestando discussões a respeito de uma sociedade que certamente nem toda população constituiu algo amorfo nesse evento como nossos estudos muitas vezes sugere.

É indispensável doravante a presença de mais uma voz em nosso estudo: José Octávio

de Arruda Melo nos ajuda a entender a argumentação do final do parágrafo anterior, prestemos atenção: “Ainda que habitualmente reprimida (...) ela manifestou-se e chegou a registrar momentos de avanço, como os que antecederam o movimento militar de 1964” (2001: p. 138) ressoa espantosamente o pensamento de que se não totalmente, mas parte da sociedade campinense teve certa presença marcante dentro dos quadros do golpe militar, talvez não tenha apenas assistido tudo simplesmente.

O raciocínio de Melo ganha ainda mais cores em Jean Blondel: “A Paraíba passou de espectadora a atriz e de recipiente a protagonista” (Idem: p. 138). Isso dá vida e motivação a nossa vontade de adentrar nesse tema tão complexo e tão diminuto de referenciais que auxiliem nosso tema **RECEPÇÃO DO GOLPE MILITAR EM CAMPINA GRANDE** o que determinou uma atuação de campo dialogando diretamente com as fontes que, no caso, foram os arquivos do Jornal Diário da Borborema.

É uma oportunidade de ampliação dos estudos que versam a respeito de um golpe marcante da política brasileira, um tentativa de deslocar o debate para o interior do Brasil, onde quase não há registros sobre o “1964” já que a atenção da maioria das pesquisas está voltada para o recorte espacial do sul e do sudeste, local de realização do evento.

Deixaremos que o próprio leitor sinta-se à vontade para verificar os transcritos de todo o apurado nos dias 01, 02, 03 e 04 de abril, os momentos que sucederam o Golpe que mudou a história do país. Vejamos a citação abaixo:

O POVO QUER O CUMPRIMENTO EFETIVO DAS LIBERDADES PÚBLICAS DIZ PEDRO GONDIN

A propósito da grave situação por que atravessa o país o governador do estado reuniu a imprensa no palácio da redenção para fazer o seu pronunciamento oficial demonstrando mais uma vez a atitude de serenidade que sempre tem assumindo com a finalidade de manter a ordem publica na Paraíba. Foram estas as palavras do governador Pedro Moreno Gondim: Não posso e não devo neste instante de inquietação nacional deixar de definir minha posição na qualidade de governador dos paraibanos, reafirmo preliminarmente todos os pronunciamentos que estendi em favor das reformas por saber que elas constituem instrumentos legais de adequação aos nossos problemas do povo. O governo identifica-se com a vocação histórica do povo paraibano que deseja nesse episódio o cumprimento efetivo das liberdades públicas consubstanciadas na defesa intransigente do regime democrático... O governador... Compareceu a rádio tabajara acompanhado de grande público.

(Jornal Diário da Borborema 01 de abril de 1964)

É importante considerar o momento do 31 de março de 1964. As tecnologias geradas pela segunda revolução industrial estão apenas chegando ao Brasil de forma gradativa, invenções como o rádio e a televisão ainda não instrumentos populares com acesso a maioria

dos lares brasileiros, afirmamos com isso que existia no contexto particular do golpe um problema de comunicação, não estamos na era dos satélites, tão pouco da internet, as notícias não são instantâneas.

Somado a isso, a cidade de Campina Grande está geograficamente distante da recém inaugurada Capital Brasília, o que engendrava uma situação de poucas informações a respeito da ação militar. A interpretação que tomamos a liberdade de fazer é que as notícias chegavam tardiamente. Na transcrição acima, por exemplo, torna-se evidente que a leitura do governador Pedro Gondin a respeito do Golpe é bastante restritiva levando-o a um lugar de dúvida, parece não saber qual ação será mais forte, da presidência ou dos militares, evitando assim sua definição final, analisemos partes do seu discurso: "Não posso e não devo neste instante de inquietação nacional deixar de definir minha posição na qualidade de governador dos paraibanos" (Jornal Diário da Borborema, 01 de abril 1964), o governador fala em "posição", mas qual? Logo em seguida diz: "Reafirmo preliminarmente todos os pronunciamentos que estendi em favor das reformas por saber que elas constituem instrumentos legais de adequação aos nossos problemas do povo" (Idem) Aqui o governador afirma que está a favor das reformas que beneficiam o povo, argumento que não o tira da linha da dúvida, ou seja, não responde em qual "posição" ele está, isso porque João Goulart anunciava um governo de reformas e os militares propagavam o golpe como sendo a maior reforma proposta à sociedade brasileira, vindos da presidência ou dos próceres do golpe, todas as idéias eram de reformas e todas se diziam a favor do povo. E até quando tenta conversar sobre definição política, não é claro nessa questão: "O governo identifica-se com a vocação histórica do povo paraibano que deseja nesse episódio o cumprimento efetivo das liberdades públicas consubstanciadas na defesa intransigente do regime democrático".

O trocadilho da fala do Governador Pedro Moreno Gondin, apesar de dividido em três eixos: posição, defesa do povo e regime democrático, fica implícita sua dúvida, ele não sabe integralmente sobre o golpe. É um discurso vago, lacunar, cheio de dúvidas. Faltam a ele notícias importantes, pois os "adversários paraibanos (...) na noite de primeiro de abril, ainda compareciam à API, à cata de informações".

Foi sem dúvida uma longa noite para o indeciso governador paraibano, às 23h:30 min. o sub-chefe da casa civil, Carmelo dos Santos Coelho sugeriu a proclamação do governador a favor dos revolucionários, o que foi veementemente negado, "enfim, já de manhãzinha (...) retornou ao palácio e cruzou nos corredores com o emissário do Governador Miguel Arraes que pretendia articulação dos governadores do Nordeste em prol da legalidade e preservação do mandato do Presidente da República" (...) (idem: p. 170).

Também cabe nessa discussão comentar a forma pela qual o Jornal apresenta o governador como um líder sereno, mostrando certa tendência político-partidária na abordagem da notícia. Porém muito mais do que isso, a fala do então governador nos faz perceber que embora em alguns trechos ofereça entendimento de que está do lado do governo federal, na maior parte do discurso sua atitude parece ser de espera.

Diferentemente do Governador Pedro Gondin, os estudantes da escola politécnica de Campina Grande fizeram outra leitura do ocorrido em 31 de março de 1964, podemos dizer que para eles a emergência dos militares ao poder representava um perigo a sociedade, daí a deflagração de greve por duzentos e dez alunos. Diz o Jornal:

Em assembléia geral extraordinária do diretório acadêmico da escola politécnica de Campina Grande... foi deliberada por aclamação a abertura de greve indeterminada até que cerce a crise política que atinge os brasileiros... Os 210 acadêmicos de engenharia desta cidade deixaram de freqüentar as aulas... Até que uma solução pacífica seja encontrada para a situação brasileira.

(Acadêmicos em greve, solidariedade a Jango . Jornal Diário da Borborema 02 de abril de 1964)

Verificando as matérias que o diário veiculou nos dias 01, 02, 03 e 04 de abril daquele ano de 1964 é possível fazer uma leitura de que a atitude dos alunos de engenharia da escola politécnica de Campina Grande foi o ato mais marcante que a cidade parece ter vivenciado, porém o jornal não aborda sobre práticas político-partidárias desses estudantes. O que verificamos é que desejam uma solução pacífica para a situação de crise, também não há registros de que essa greve tenha sido seguida de protestos nas ruas ou outros tipos de eventos, nem de que de alguma forma isso tenha influenciado o cenário nacional. Há possibilidades, inclusive, de que tenha havido críticas por parte dos diretores da escola com relação à greve, entendida por esses como um ato oportunista de afastamento das aulas.

Uma matéria que nos oferece diversas problematizações, tais como: por que Pedro Gondin leu o Golpe de uma forma tão confusa e ao mesmo tempo “serena” enquanto os acadêmicos de Engenharia da Escola Politécnica o leram a partir de outros referenciais? Será que Pedro Gondin sabia da gravidade do ocorrido, mas estava tentando tranquilizar a população da Paraíba? Ou os alunos tinham fontes que o informavam dos perigos do golpe, tais como contatos que não foram abordados pelo Diário?

Quanto à argumentação dos diretores de que os estudantes mergulharam a escola numa atitude que caracterizou de oportunista, fica a observação que não estamos nos referindo as crianças nas séries iniciais da escola, são prestes engenheiros. Porque iriam ao seu vão prazer

paralisar as aulas sem motivo algum?

Outros segmentos da população campinense também deixaram suas impressões sobre o Golpe de 64:

O senhor Otávio Amorim de canudos... Acaba de remeter uma carta ao vereador Argemiro de Figueiredo Filho (Merito) sugerindo que apelasse para seu honrado pai, para que ele nessa tremenda conjuntura no crepúsculo do regime ajude aos verdadeiros democratas a deterem a onda de subversão.

Texto da carta:

Campina Grande, 01 de abril de 64.

Meu caro Merito a você que é um jovem público que tem granjeado com atitudes de independência a simpatia da maioria dos campinenses, ousou fazer esta sugestão: apelar para o seu honrado pai, para que ele nessa tremenda conjuntura, no crepúsculo do regime, ajude aos verdadeiros democratas a deterem essa onda de subversão, não seria incrível que um filho do indomável Salvino Figueiredo assista impossível a agonia da democracia na atitude avestruz, esquecendo que a sua própria cabeça também está em perigo com a vitória do comunismo.

(Jornal Diário da Borborema 02 de abril de 1964)

Consideramos a carta do advogado Otávio Amorim, uma notícia importante dada pelo Diário, porque ela constitui-se em um documento escrito por um membro da sociedade campinense que nos possibilita problematizar como a classe média se relacionou com o ocorrido de 31 de março. O advogado tenta dialogar com o filho do senador Argemiro sobre a “agonia da democracia”. Isso nos permite pensar que parte da população leu o golpe a partir de um referencial de medo e de castração da democracia brasileira.

NILTON RIQUE EM NOTA OFICIAL CONCLAMA O POVO A PRESERVAR A ORDEM E MANTER A TRANQUILIDADE.

O prefeito Nilton Rique a propósito dos acontecimentos que se desenrolam no plano nacional divulga nota oficial comunicando ao povo campinense, a posição do governo municipal de apoio a vontade popular expressa através do mandato popular conferido ao presidente João Goulart... no mesmo pronunciamento comunica a população campinense que os serviços de utilidade pública continuam a ser prestados sem interrupção apelando ainda ao povo no sentido de que se mantenha calmo aguardando uma formula que permita o retorno da harmonia e paz social da nação brasileira.

(Jornal Diário da Borborema 02 de abril de 1964)

Esta matéria confirma o que dissemos anteriormente, as informações são repassadas muito tardiamente. Notamos aqui o prefeito de Campina no dia 02 de abril abrindo ou mantendo apoio ao mandato de João Goulart 02 dias depois do golpe. De certo modo, isso é muito estranho, de toda forma registramos que ele, diferentemente do governador, assume uma posição definida. Outro fato interessante é ele pedir calma a população, o que nos

permite pensar que alguma coisa de “anormal” estava acontecendo na sociedade.

PRESIDENTE JANGO FALA A NAÇÃO BRASILEIRA

Repercuti nos principais jornais e nas principais emissoras de televisão o discurso à nação brasileira proferido pelo presidente do Brasil:

Da capital da república dirijo-me a nação num momento em que as forças reacionárias desencadeiam mais uma vez o golpe contra as instituições democrática e contra a liberdade econômica da pátria. Na plenitude dos meus poderes constitucionais que o povo mim outorgou... Eu afirmo a minha inabalável decisão de defender intransigentemente numa luta sem tréguas esse mesmo povo contra as arremetidas da prepotência política e da opressão do poder econômico.

Sei que o povo não ignora o verdadeiro significado das pressões a que meu governo está sendo submetido desde que para salvaguardar os mais legítimos interesses da nação tive que adotar no plano internacional uma política externa independente e no plano interno medidas inadiáveis de proteção contra as espoliações que motivou a reação dos impatrióticos... Não acreditaram que eu fosse capaz de regulamentar a Lei que regula a remessa de lucros. Preguei a reforma agrária, quando ela estava vitoriosa na consciência e no espírito do povo... O acesso a terra a todos que dela carecem para a sua sobrevivência... Foram atos que pratiquei com serena coragem com certeza que ajudei ao Brasil... Certo também que outra poderosa frente de luta se abria diante de mim, quando meu governo se impunha vitoriosamente... à ganância dos exploradores... quando o governo se levantou... em defesa do povo... senti que se levantavam novamente contra mim uma ação insidiosa dos que sempre se locupletaram com a miséria do nosso povo.

Estou firme na defesa do povo... a quem acredito reagirei ao golpe... contando com a lealdade... das forças militares e com a sustentação das forças populares do... país.

(Jornal Diário da Borborema 02 de abril 64)

Esse trecho do Diário talvez constitui o melhor momento para retomarmos a problemática da falta de informações sobre o golpe de 1964 entre os campinenses, estranhamente a fala do “presidente” é apresentada no dia dois de abril quando já não mais ocupa o cargo e encontra-se fugido do país, uma demonstração de que houve uma falta de sintonia entre o Diário e os meios de comunicação nacionais. O mesmo ocorre com a notícia de que Mazzili assumiu a presidência:

O Itamaraty comunicou... que Raniery Mazzili é o novo presidente da república... Jango já está... em Montevideu seria hospede misterioso do hotel Nogaró, figura ainda não identificada pelos jornalistas uruguaioes que vasculham todos os recantos de Montevideu... acredita-se que o citado hospede... seja o ex-presidente João Goulart que fugiu do Brasil tomando destino até agora ignorado.

(Jornal da Paraíba 04/04/1964)

As notícias podem ter passado falsa sensação de calma que influenciou nas decisões comerciais, conforme podemos verificar na matéria a seguir:

Mesmo estando o Brasil atravessando uma difícil crise política nesse momento de transformação de opiniões... Não acho nenhuma lógica, não creio ser correto o comércio de Campina Grande cerre suas portas em sinal de protesto ou de apoio às

diversas correntes políticas. Palavras do senhor Antônio Almeida Barreto presidente da Associação comercial de CG. É verdade que atravessamos uma difícil fase da nossa política, porém se ela não nos atinge... Se estamos perfeitamente seguros e em paz, não existe motivo para que o comércio cerce suas portas e contribua para afligir a população campinense.

(Jornal Diário da Borborema 02 de abril)

Na análise dos discursos nada como considerar o lugar de quem fala. A fala do presidente da Associação Comercial de Campina Grande não carrega emoção alguma, mas ao contrário é o discurso frio, objetivo e determinista de quem tem o lucro como meta principal. Vários pontos na matéria são contraditórios, ao mesmo tempo em que se refere ao golpe chamando de “difícil crise” no momento seguinte caracteriza-o como uma mera “transformação de opiniões”. Na verdade não estava em jogo apenas opiniões, mas sim a fase mais conturbada da nação brasileira na segunda metade do século XX. Já nas agências bancárias, é diferente, diante do clima de agitação política e crise econômica, as instituições bancárias ficaram muito vulneráveis, conforme podemos observar na citação texto:

Desde ontem os bancos e cooperativas de Campina Grande, a semelhança das agências... Creditícias... Cerraram suas portas por obediência ao decreto da superintendência de moeda e do crédito... Em virtude da falta de segurança... Para operações de empréstimos.

(Jornal Diário da Borborema, 03 de abril de 1964)

A matéria abaixo permite que sintamos a recepção do golpe pelos políticos paraibanos. Medo, silêncio, expectativa. A atitude dos deputados de promoverem uma seção permanente e do governo em manter-se em vigilância constante, mostra o nervosismo, a tensão, a expectativa vivenciada nesse momento de transição da política brasileira.

A Assembléia Legislativa acha-se em seção permanente desde as primeiras horas da manhã, as emissoras de rádio transmitem repetidamente pronunciamentos do governador Pedro Gondim e do deputado Clovis Bezerra de respeito a Constituição. O governador tem se mantido em atitude de vigilância estando reunido em palácio com seu secretariado, a rádio tabajara emissora oficial do estado está com seus microfones instalados no palácio da redenção. O presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba senhor Clóvis Bezerra está convocando todos os deputados ausentes de João pessoa afim de que permaneçam em vigília cívica na casa de Epitácio Pessoa.

(Jornal Diário da Borborema, 03 de abril de 1964)

Outro ponto importante foi o papel da rádio Tabajara que ficou instalada dentro do palácio do governo servindo de ponte de comunicação entre o poder executivo e o povo, que recebia do governador Pedro Gondim apenas pedido de calma e afirmações de que tudo ficaria bem.

A atitude de vigiar dos políticos paraibanos não se dava à toa, através de outros meios,

cartas, telegramas e principalmente telefonemas, entre eles e os representantes paraibanos na esfera de Brasília, a política paraibana estabelecia certa dimensão do que era o golpe militar, por isso havia tanta rejeição em definir apoios aquela altura do campeonato.

Mesmo assim ainda levantamos mais uma vez a questão do atraso no recebimento das informações, pois não temos como justificar de outra forma, essa vigilância ser noticiada pelo Diário apenas no dia 03 de abril, quando o golpe já estava se consolidando.

VEREADORES CAMPINENSES DEBATEM CRISE E RENOVAM CONFIANÇA NO PREFEITO NILTON

Diversos oradores se fizeram ouvir na noite de ontem na reunião da Câmara Municipal de Campina Grande todos eles abordando assuntos relacionados com a última crise político militar que culminou com a deposição do senhor João Goulart da presidência da república.

Argemiro Figueiredo Filho primeiro dos oradores depois de ler a carta que lhe endereçou no dia primeiro do corrente o advogado Otávio Amorim assegurou a seguir que graças a o espírito cristão do povo brasileiro a democracia foi tomando novas cores dentro dos moldes onde ela pode afirmar-se, restaurou-se por fim a verdadeira legalidade... sem as reformas comunistas, sem os Brizolas... por fim raiou no horizonte do Brasil o sol da liberdade, Goulart foi deposto pela própria democracia... Goulart fez um governo comunista... foi pressionado pelos verdadeiros inimigos da pátria e cedeu...

O segundo orador... João Nogueira de Arruda, defendeu o prefeito Nilton Rique... afirmou que somente os inimigos de Campina... poderiam tachar Nilton de comunista... finalizou requerendo a aprovação de um voto de aplauso ao Governador Pedro Gondin pela sua firme decisão em defesa do postulado democrático de nossa terra.

(Jornal Diário da Borborema 03 de abril de 1964)

Nota-se na fala do parlamentar Argemiro de Figueiredo Filho, pronunciada quatro dias após realização do golpe, os argumentos apresentados pela câmara de vereadores para a sociedade campinense. Argemiro Filho afirma se tratar de uma vitória da democracia e do cristianismo e acusa o ex – presidente João Goulart de ter sido comunista. O discurso de Figueiredo Filho vai de encontro à posição que teve o seu pai durante o curto período do governo Goulart em que expressou total apoio ao presidente da República. Percebemos ainda que a leitura do pós golpe em Campina Grande foi exatamente seguindo a lógica nacional sustentada sobre os argumentos de crise, comunismo e cristandade.

Após cuidadosa análise das matérias jornalísticas aqui apresentadas, todas extraídas do Jornal Diário da Borborema, torna-se possível concluir alguns pontos sobre a receptividade do Golpe Militar de 1964 em Campina Grande. É fundamental que admitamos em primeiro lugar que a população dessa cidade obteve através do veículo de comunicação mencionado informações sobre o evento, o que certamente possibilitou que as pessoas pelo menos soubessem que tais acontecimentos estavam ocorrendo no país. Nesse ponto, o Diário

cumpriu o seu papel de informar, o que foi importante, pois o cenário principal foi Brasília e os principais movimentos circularam as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, se não houvesse informação massificada, dada à vista a enorme distância para essas cidades, Campina jamais saberia notícias sobre esse evento.

No entanto notamos um descompasso de comunicação entre o Diário e os correspondentes nacionais que acaba determinando uma espécie de ineficiência na qualidade da notícia, a principal falha foi indiscutivelmente a questão do atraso na chegada da informação, chegando a veicular de determinadas matérias com até dois dias de atraso, como por exemplo, o caso do pronunciamento de João Goulart a nação brasileira quando já estava refugiado no Uruguai. Dessa forma, a discussão e problematização sobre as razões que envolviam os conflitos do país ficaram mais difíceis de serem entendidas pela sociedade de Campina Grande.

No dialogo com as fontes fomos levados ao pensamento de que não só a desinformação marcou o 31 de março nessa população, mas também o silêncio, o medo e a expectativa que ficam evidentes nas falas dos agentes políticos:

O governador tem se mantido em atitude de vigilância estando reunido em palácio com seu secretariado, a rádio tabajara emissora oficial do estado está com seus microfones instalados no palácio da redenção. O presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba senhor Clóvis Bezerra está convocando todos os deputados ausentes de João pessoa afim de que permaneçam em vigília cívica na casa de Epitácio Pessoa.

(Jornal Diário da Borborema)

Talvez a imprevisibilidade possa ter sido a compreensão mais marcante da receptividade do Golpe de 64 em Campina Grande, o “oportunismo” dos políticos aguardando a reta final dos acontecimentos e, assim, podemos concluir que no meio desse contexto, o povo não soube bem o que estava acontecendo, não tinha noção real sobre as conseqüências do golpe.

Certamente as memórias e leituras que o povo campinense tem sobre esse acontecimento, são na verdade bem diferentes, por exemplo, das do povo paulista, carioca ou da Capital, tudo isso aponta para a confirmação de um golpe que foi construído nas partes do país que mais interessavam aos militares. São golpes de leituras, leituras de um golpe que necessitam, ainda, de muita pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço de demonstrar a receptividade do golpe militar de 1964 em Campina Grande e de algum modo na Paraíba, faz parte da intenção não apenas de concluir o curso de história que perfaço no atual momento, mas em primeiro plano contribuir para descentralizar o debate sobre o 31 de março que até agora está preso no lócus de sua realização com os estudos privilegiando as regiões consideradas principais na política do país, compreendendo as sociedades de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Estudar como se comportaram as outras sociedades dentro de um golpe que de forma direta ou indireta abalou toda a estrutura política do Brasil é um desafio sem dúvida de grande valor historiográfico e cultural.

Aqui apresentamos apenas um breve ensaio do nosso estudo, pois pretendemos seguir viagem para analisarmos a receptividade do Golpe Militar de 64 no Estado da Paraíba, visitando mais jornais em diferentes cidades, preferencialmente as maiores, incluindo na segunda parte da pesquisa visitas a rádios e o uso da memória da população através de entrevistas.

Nosso entendimento é que precisamos realizar esse estudo antes que seja tarde, pois os arquivos já não existem mais em grande quantidade na Paraíba, alguns estão bastante danificados e outros com pouca acessibilidade.

O tema nos fascina, embora as dificuldades não sejam pequenas, é uma pesquisa que envolve custo financeiro e tempo, exige viagens e muita disposição. A burocracia em alguns arquivos constitui mais uma agravante, surpreendentemente algumas repartições tratam as fontes de pesquisa como se fossem para tal efeito, dificultando o acesso do pesquisador, ainda que devidamente documentado.

Concluimos, então, que a sociedade dessa cidade não teve acesso a grande carga de informações e que isso deve ter ocorrido ou por dificuldades do Jornal em obter e se comunicar com os veículos de comunicação que estiveram próximos do acontecimento ou pelo medo que rodeava o país naquele momento. Ou talvez pelos dois motivos. Isso nos permitiu ainda perceber que as relações dos próceres do Golpe foi diferenciada, nas áreas de foco, eles tentaram se aproximar das pessoas e convencê-las a irem as ruas, participarem de comícios, carreatas e outras manifestações de apoio ao golpe, noutras preferiu o silêncio e ainda em outros casos como Campina Grande em que a opção foi de não informar pelos simples fato de não haver nenhuma necessidade de envolvimento entre essa sociedade e os idealizadores do golpe.

Certamente muito do que está contido aqui, mudará, ganhará novo significado, em fim a configuração dos matizes jamais estará concluída. Esperamos que já nessa primeira parte onde tentamos aprovação de trabalho monográfico, tenhamos prestado já uma contribuição significativa com relação ao que propomos, esperamos que você, leitor, já tenha feito uma leitura proveitosa e diferenciada, menos centralizada com relação ao golpe militar de 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. *O suíngue da massa*. In Dossiê Cult, 2004.

CERTEAU, Michel de. *História cultural. Entre práticas e representações*.

CHARTIER, Roger. Os Desafios da escrita.

COGGIOLA, Oswaldo. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2001.

DARTON, Robert. In: Burke, Peter. *A escrita da História*. São Paulo. Unesp, 1992

REIS, Daniel A. et all. *O golpe e a ditadura Militar: quarenta anos depois (1964–2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 24, jan-jun, 2004.

JORNAL DA PARAÍBA. Arquivos acessado em 18 de junho de 2008.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

[ttp://elogica.br.inter.net/crdubeux/hgeisel.html](http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hgeisel.html)

<http://www.geocities.com/golpe1964>

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/fotos/golpe64/pop_EL640409_3_1.htm

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/fotos/golpe64/

<http://www.wisetel.com.br/>

<http://www.revistafenix.pro.br/>

<http://oglobo.globo.com/rio/mat/>

<http://www.historianet.com>.

www.revistaescola.abril.com.br/edicoes/pdf/0204/falamestre

ANEXOS



